

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

SIMONE TORRES DE LIMA BERNARDINO

EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS REVELADAS NA FOTOGRAFIA E NO BORDADO

JUIZ DE FORA
2018

SIMONE TORRES DE LIMA BERNARDINO

EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS REVELADAS NA FOTOGRAFIA E NO BORDADO

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização Mídias na Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientador(a):
Prof^a. Dr^a. Marise Baesso Tristão
Prof^a. Ma. Ana Carolina Guedes Mattos

JUIZ DE FORA
2018

SIMONE TORRES DE LIMA BERNARDINO

EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS REVELADAS NA FOTOGRAFIA E NO BORDADO

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização Mídias na Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dr(a). Marise Baesso Tristão

Profª. Ma. Ana Carolina Guedes Mattos

Membro da banca

1. INTRODUÇÃO

Os acontecimentos estão presentes nas experiências do sujeito, instituindo o que acontece em sua vida e em sua existência. É com os acontecimentos que eu, como sujeito, fazendo parte de uma coletividade, me relaciono comigo mesma e reflito sobre minhas experiências e vivências para meu processo de construção enquanto futura docente. Conforme coloca Passeggi (2011), o sujeito ressignifica sua experiência no ato de narrar-se, a cada nova versão da história, a experiência é ressignificada. Para Passeggi:

(...) a noção de consciência histórica é fundamental para compreendermos a experiência em formação. Entendemos que ela só se justifica se permitir à pessoa que narra compreender a historicidade de suas aprendizagens e construir uma imagem de si com sujeito histórico, situado em seu tempo. (PASSEGGI, 2001, p.149).

Desta forma, essa relação reflexiva comigo me leva a compreender o que me moveu até o lugar onde estou hoje. Qual o meu caminho? O que me constrói? Para onde estou indo? De onde vim? São questionamentos que me levam a refletir e aprender com cada experiência, buscando dar sentido à minha história e que o outro, o sujeito com quem me relaciono, possa fazer essa mesma reflexão.

Assim, vejo a fotografia como uma forma de o sujeito registrar seu caminho e história. Narrar fotograficamente, buscar registrar o que lhe interessa, o que seus olhos veem e mais ninguém vê. E essa descoberta de fotografar é própria e única quando esse sujeito se situa naquele momento, por meio do registro de pessoas, paisagens ou objetos, fazendo deste instante uma forma de pensar e construir conhecimentos, de olhar. Viver o instante e o trazer por meio da “paralisação” da imagem leva o sujeito a se colocar enquanto pessoa que pensa, sente e vê, resultando em um trabalho de um sujeito que tem experiências e história, um sujeito

que sofre estímulos, tem vivência, é atravessado por informações no seu dia a dia, e passa por acontecimentos, experiências e memória.

A importância de trazer esse tema se atrela à questão de que a tecnologia sempre fará parte da vida do sujeito e a cada dia ela muda, e tanto na vida pessoal quanto na escola, os alunos também são afetados e, assim, novas formas de pensar e construir conhecimentos são dadas. E construir conhecimento em Arte com o uso de tecnologias pressupõe pensar e buscar novas formas para construir esse conhecimento humano, não abrindo mão da subjetividade de cada um.

A escolha do assunto se dá devido ao meu interesse despertado no curso de Licenciatura em Artes Visuais e reafirmado na Especialização em Mídias na Educação. Sempre tive interesse pela fotografia e encontrei no bordado uma forma de dar vida aos registros que foram paralisados. A minha compreensão da essência da minha fotografia e do meu bordado é a de que busco registrar meu caminho, o lugar, objetos, pessoas e coisas que tive contato e que não tive, mas que fazem parte da minha história e dos lugares que experiencio. Para mim, a fotografia tem um caráter mágico, pois ela registra poeticamente o que vejo e que ninguém mais vê da mesma maneira e naquele mesmo instante. E o bordado tem um caráter afável e me traz as melhores memórias e me retorna ao caminho que percorri. Essas imagens são significativas para mim, pois são registros do meu caminho, de onde parti e de onde posso sempre voltar.

Assim, tenho interesse por esse processo de registro do caminho, de memórias, dos saberes que provêm das experiências, das belezas das coisas e pessoas que passam despercebidas, da transformação das coisas por meio da arte, da poesia, das palavras, das palavras criadas, da intervenção, da apropriação, interação e percepção das imagens, da importância da experiência do sujeito.

“O processo fotográfico sempre foi visto como uma prova inquestionável de que as coisas são como são”¹, já que a fotografia tem a capacidade de paralisar um momento, registrando fielmente o que se vê. As imagens da realidade podem ser capturadas, preservadas e impressas, podendo esta imagem impressa ser um registro definitivo de que essa realidade existe ou existiu.

É importante pensar a fotografia como sendo um fenômeno tecnológico que está inserido hoje no cotidiano das pessoas e não há necessidade de ser um fotógrafo profissional e ter uma câmera profissional para se ter um registro fotográfico. Além disso, a fotografia é uma obra de arte, já que a máquina interfere diretamente na expressão do artista, de acordo com a sua visão, e o resultado é sempre individual e único. O bordado é uma forma de desenhar usando linhas e agulha e colocado na fotografia é uma forma de interferir de forma mais pessoal na imagem, pois o sujeito que borda passa pelo tempo de escolher a linha, cor e agulha e usa essa tecnologia para narrar sobre o papel.

Bondía (2002) coloca que devemos pensar a educação a partir do par “experiência/sentido”. Para o autor, devemos dar sentido ao que somos e ao que nos acontece, pois, a todo momento, somos afetados por estímulos e devemos estar atentos a essa velocidade e o que ela provoca. O silêncio e a memória são fundamentais para que ocorra uma aprendizagem significativa. Essa possibilidade de experienciar o momento de maneira individual e subjetiva, para Bondía (2012), requer um gesto de interrupção desses tempos tão corridos. Bondía (2012) diz:

[...] requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar;

¹ Trecho extraído do Filme “Só dez por cento é mentira”, Direção e Roteiro de Pedro Cezar, no qual ele entrevista e busca saber sobre vida e obra do poeta Manoel de Barros.

parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p. 24)

Assim, é importante refletir a tecnologia como sendo uma forma de pensar e construir conhecimento, não abrindo mão da subjetividade do sujeito que a usa. Esse homem informático-midiático é o sujeito hoje que vivencia traços de todos os polos da história. As tecnologias não são criadas de um dia para o outro, pois é um processo de construção que se amontoa com as descobertas e novas formas de ver e pensar do sujeito.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Trabalhar a fotografia como possibilidade de expressão individual e única do sujeito e o bordado como forma de interferir nessas imagens e dar novos sentidos a ela, trazendo a arte como sendo campo para criação e reflexão desse processo de construção do sujeito.

2.2. Objetivos específicos

- a) Apresentar a fotografia como sendo ferramenta tecnológica digital;
- b) Trazer a fotografia como sendo possibilidade de registro individual e único do sujeito que a faz;
- c) Trazer o bordado como forma de interferência em uma imagem e possibilidade de novas leituras;
- d) Trazer sentido ao trabalho do sujeito por meio de suas experiências de vida e memória;

- e) Pensar e construir conhecimento por meio do registro fotográfico e interferência nesse registro.

3. METODOLOGIA

3.1. Elaboração, organização e descrição da proposta

Pensando como futura docente sobre a importância do material didático-pedagógico em sala de aula como sendo propositor e devendo estar voltado para as necessidades e vontades dos alunos, respeitando a individualidade de cada um e sua forma de perceber e se expressar no mundo, este relatório tem como proposta trazer a fotografia e o bordado, como meios para desenvolvimento das narrativas pessoais do sujeito, fazendo uso de elementos e suportes como linhas, agulhas e papel.

Para Ostetto e Kolb-Bernardes (2015), nesse processo de falar de si, o indivíduo se faz intérprete dele mesmo. As autoras colocam:

O ato de narrar o vivido carrega a essencialidade do poder de as pessoas se reconhecerem como sujeitos de suas próprias histórias, atribuindo sentido aos diferentes itinerários percorridos. Ao comporem narrativas sobre a vida vivida, colocam-se em posição de escuta, olham para múltiplas direções, dentro e fora de si, reportando-se ao que foram, ao que são, ao que desejam ser; ao que fizeram, ao que fazem, ao que projetam fazer. Caminhos a percorrer podem ser evidenciados no processo. Pelo trabalho da reflexão, no tramado de relações percebidas, a construção de significados em torno de novas rotas que se anunciam é potencializada. (OSTETTO; KOLB-BERNADES, 2015, p.164).

Nesse mesmo caminho, Passeggi (2011) coloca as narrativas autobiográficas com o objetivo de refletir sobre a ressignificação da experiência, onde, ao narrar a própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse caminho, ela se percebe e reinventa. Mesmo que esse processo de se perceber no mundo e narrar a própria história não seja percebido em primeiro momento como o

ponto central da proposta, é esse o interesse, além do fazer artístico. "(...) A noção de consciência histórica só se justifica se permitir à pessoa que narra compreender a historicidade de sua aprendizagem e construir uma imagem de si como sujeito histórico, situado em seu tempo." (PASSEGGI, 2011, p.149).

Para tanto, a proposta se deu com oficinas de bordado sobre fotografias, com duas turmas distintas. A primeira foi para alunos do programa Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Espaço Arena da Cultura, em Belo Horizonte. Para essa turma de EJA as imagens foram trazidas impressas pelos alunos à pedido da professora e minha colega de curso, Gabriela Silva.

A segunda turma foi de alunos do Centro Pedagógico (CP), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), da turma de 9º ano do ensino fundamental. Os alunos fizeram uma deriva pela escola e ao entorno dela. Essa deriva se deu no primeiro encontro desses alunos com uma parte de colegas meu do meu curso de Artes Visuais, juntamente com o meu professor Geraldo Loyola, que me permitiu o espaço e a oficina. Para o segundo encontro, propus, então, a oficina de bordado em fotografias, onde fiquei responsável por revelar as fotos tiradas pelos alunos do CP e explicar toda a oficina do bordado e a minha proposta. Novamente, para este segundo encontro, os alunos saíram da sala de aula e foram para o entorno da escola, escolheram um local e se iniciou a oficina de bordado. Além da intervenção com linhas e agulhas, que foi minha proposta inicial, os alunos começaram a interferir nas fotografias com giz, lápis de cor, fitas coloridas, bijuterias, tecidos e elementos que fazem parte da natureza, como, por exemplo, galhos e folhas.

Foi permitido aos alunos que narrassem por meio das interferências nas fotos sua história, seus aprendizados, como sujeitos históricos, que vivem e situam-se em seu tempo e lugar. Trazer essas percepções, o agir, o exprimir-se através de

tecnologias como a fotografia e o bordado. Essas tecnologias estão presentes na vida das pessoas e também em sala de aula, pois o sujeito está sempre em interação com as máquinas digitais do seu tempo, mergulhado na temporalidade que lhe é própria de sujeito que faz, sente, comove, age, e a interinidade da máquina (tecnologia), com sua velocidade intensa naquele momento, mas que nos deixa memórias registradas, como, por exemplo, as fotografias, que são o registro da temporalidade do sujeito.

Como registro das oficinas foi feito um *Ensaio fotográfico*, no qual a proposta foi um ensaio com as fotografias dos bordados que realizei, juntamente com os bordados feitos pelos alunos. Apresentei referenciais imagéticos de artistas que trabalham com o bordado em outros suportes além da fotografia e outras formas de intervenção. Outra forma de registrar foi um *Vídeo*, onde abordei o tema tratado. Neste vídeo, inicio com meus trabalhos de bordados e em seguida dialogo com os trabalhos produzidos pelos alunos, de uma forma poética. As imagens dos alunos foram resguardadas.

Para o *Ensaio fotográfico*, como objetivo, trouxe a fotografia como um meio de registro dos trabalhos realizados. A intenção foi que os alunos criassem seu próprio trabalho, estabelecendo uma relação da sua produção com a de artistas que foram apresentados como referências e, após esse trabalho pronto, eles mesmos fizeram esse registro por meio da fotografia com seus celulares ou máquinas fotográficas. Para a produção do *Vídeo*, o objetivo foi criar um produto dinâmico e atrativo, de forma que os alunos se interessem pelo resultado final (vídeo), que apresentou o processo de criação deles.

Para a apresentação dos dados produzidos, criou-se uma página no site “Ateliê Virtual: Mídias na Educação²”, de autoria própria, com o tema “Experiências estéticas por meio da fotografia e bordado”.

Como método de pesquisa, esse trabalho tem como formato o relato de experiência, pois é apresentado, de forma sistematizada todo o processo das oficinas, buscando fundamentar teoricamente e nas minhas experiências vividas enquanto aluna e futura professora-artista. A matéria do meu projeto são as próprias fotografias produzidas e as interferências nelas

3.2. Relatos da experiência proposta

As propostas para as oficinas foram feitas e realizadas por mim, como experiência para se acrescentar à minha formação enquanto futura professora-artista.

Para a turma de EJA, recebi o espaço para oferecer esta oficina de uma colega que é professora de Artes desses alunos, a Gabriela Silva. A oficina foi proposta com o tema “Bordado sobre fotografia”, e Gabriela fez o movimento de avisar para que trouxessem fotografias deles que tivessem ligação com sua história, memória e caminho. Eu levei os materiais para bordar, como linhas e agulhas; levei também meus trabalhos com bordado como referências imagéticas. A oficina ocorreu durante o tempo de três horas. Apresentei meus trabalhos como referência e conversamos a respeito do uso da fotografia como forma de registro e narrativa; Conversamos também sobre o fato de qualquer pessoa poder fazer arte com uma fotografia, de posse de uma máquina fotográfica e até mesmo um aparelho celular. O celular não deve somente servir para uma *selfie*, mas para registrar poeticamente

² Link do site:

<https://sites.google.com/s/0B8taB8a23LN9N05jcGJGNGFNZnM/p/0B8taB8a23LN9dkNTN3JRdGEyLWM/edit>

a própria história e mostrar de que forma cada um vê o mundo, pois o mesmo objeto pode ser visto e registrado por duas pessoas de forma completamente diferente, pois o olhar de cada um é único, já que cada pessoa carrega sua subjetividade.

Nessa turma de EJA, havia alunos com idades variadas, entre 17 e 65 anos de idade. Minhas considerações sobre essa turma são as de que foi uma experiência incrível, pois a cada foto bordada se tinha uma história por trás, um desejo de reviver aquele momento e dar vida àquela foto com as cores e texturas das linhas. A proposta foi bem desenvolvida pelos alunos e percebi que fizeram as atividades com muita atenção e profundidade, pois antes de iniciarem a parte manual de bordar, eles mostraram as fotos entre si e falaram sobre e o que aquela imagem significava.

Para a turma do CP, ofereci esta oficina em conjunto com meus colegas de Graduação do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Minas Gerais, juntamente com meu professor Geraldo Loyola. A oficina foi dividida em dois momentos, sendo que, no primeiro, foi realizada um deriva pela escola com os alunos do CP, para que conhecessem o espaço onde estudam, por onde passam e lugares também que antes não conheciam. A partir dessa deriva, eles fizeram intervenções nesse espaço, com elementos da própria natureza, conhecendo referenciais imagéticos que já haviam feito esse tipo de intervenção. Então, registrei por meio da fotografia esse momento. No nosso segundo encontro, com duração de 50 minutos, levei fotografias impressas de alguns momentos da deriva que foram tiradas no primeiro encontro. Apresentei todas as imagens deles que registrei por meio de um projetor e, a partir daí, propus que voltássemos nos lugares que foram no primeiro encontro, e, então, onde escolhessem para fazer a próxima atividade - que seria o bordado sobre a fotografia – faríamos a intervenção na imagem

registrada. Os alunos então se juntaram numa calçada próxima à escola e outros num local um pouco mais distante, na grama. A minha ideia inicial foi intervir nas fotografias com o bordado apenas, contudo os alunos foram levando o trabalho para outros lados, com outras possibilidades e interferiram nas imagens não apenas com linhas e agulhas, mas com lápis de cor, giz pastel, tecidos, bijuterias e colagem.

Essa turma do CP tem alunos de 14 e 15 anos de idade, pertencentes a classes econômicas variadas. Minhas considerações sobre essa turma é de que são estudantes jovens muito criativos e que possuem uma facilidade muito grande para criar. Rapidamente fizeram as interferências nas fotos e finalizaram os trabalhos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário, como futura professora, entender e deixar que os alunos façam escolhas no processo do ensino-aprendizagem, pois são sujeitos diferentes e cada um tem suas escolhas, preferências e histórias diferentes. Tenho como desejo em ser uma professora que possa trazer meus trabalhos como ponto de partida, como um estímulo para que eles realizem seus próprios trabalhos da forma como desejarem.

Os trabalhos realizados pelos alunos dessas oficinas me foram de extrema importância para refletir sobre minhas futuras propostas em sala de aula, pois foram duas turmas bem diferentes, já que em uma turma, a turma de EJA, o trabalho de bordado foi realizado num tempo de três horas, o que me fez perceber que o tempo deles é mais devagar, com atenção nos acontecimentos e no que tinham em mãos. Houve poucas conversas entre eles e colocaram música para realizar os bordados. Já o trabalho feito com os alunos do CP, que são alunos mais jovens, a oficina foi

realizada de forma mais rápida, num tempo de 50 minutos, com muitas conversas entre eles.

Minha dificuldade foi me conectar com a turma do CP, pois quando expliquei para eles como seria a oficina e apresentei em Power Point os referenciais imagéticos que trabalham com interferências em fotos, eles não comentaram sobre a proposta, mesmo eu perguntando o que acharam, eles permaneceram em silêncio e eu então propus sairmos de sala, o que aceitaram e fora da sala de aula eles conversaram muito entre si. Na turma do EJA minha conexão foi de forma diferente, pois ao entrar em sala de aula eles já esperavam por mim e ficaram muito interessados no meu trabalho.

O que foi vivenciado por mim no curso e que mais me tocou foi ver que a tecnologia está e sempre esteve presente em nosso cotidiano. Que as tecnologias fazem parte de nossa vida, desde uma agulha que foi criada, um papel que serve para registrar uma história, chegando a uma máquina fotográfica, um dispositivo que foi se aperfeiçoando a cada nova ideia do homem.

Toda experiência é uma forma de aprendizado. Dessa forma, essa experiência foi muito válida, pois quero me tornar uma professora de Artes e não posso abrir mão da tecnologia em sala de aula – o que é muito difícil, já que tudo envolve tecnologia. A tecnologia sempre fará parte da vida do sujeito, pois estamos num tempo em que tudo que aprendemos pode fazer parte da construção do conhecimento se não esquecermos que por trás de qualquer tecnologia há um sujeito que pensa, vê e sente.

Pensando como futura professora, tenho como proposta – não somente, mas - trabalhar o bordado em fotografia em sala com meus alunos, contudo percebi e sei que uma ideia inicial, um planejamento é sempre importante, mas não deve ser

seguido apenas porque o professor escreveu e propôs determinada atividade para sua turma. Toda proposta de aula deve ser realizada em diálogo com alunos. Já realizei aulas para turmas onde não havia espaço em sala e nem as fotografias que costumo levar como suporte para o bordado, e mesmo assim, após conversa com a turma, levei minha ideia para outro caminho, fizemos uma “árvore dos desejos”, costurando em papel e folhas de árvores um desejo. Fizemos registros dessas intervenções e narrativas. Essa experiência e muitas outras que já tive me servem como alimento para esta minha caminhada e desejo de ser professora. Assim, vejo como oportunidade de trabalho enquanto futura docente alinhar os registros dos trabalhos com as possibilidades oferecidas pelas mídias digitais, divulgando as diferentes narrativas, para que outras pessoas tenham acesso e compartilhem seus conhecimentos e experiências.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. 2002, p.20-28. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em 9 Junho 2018.

BRITO, Danilo L. **Considerações sobre Walter Benjamin e a Reprodutibilidade Técnica**. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/liedh/media/docs/art_danilo4.pdf>. Acesso em 14 Junho 2018.

D'ANGELO, Martha. **A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin**. 2006, p.237-231. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142006000100016&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 16 Maio 2018.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 104. Editora 34, 2002. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2015/03/LEVY-Pierre-1998-Tecnologias-da-Intelig%C3%Aancia.pdf>>. Acesso em 23 de Junho 2018.

LOYOLA, Geraldo Freire. **PROFESSOR-ARTISTA-PROFESSOR:** Materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte. 2006, p. 31-54. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/EBAC-A9GJ98/professor_artista_professor__materiais_did_tico_pedag_gicos_e__ensino_a_prendizagem_em_arte.pdf?sequence=1>. Acesso em Agosto 2017.

MEINERZ, Andréia. **Concepção de experiência em Walter Benjamin.** 2008, p. 1-81. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15305>>. Acesso em 9 Junho 2018.

OLIVEIRA, Orlando José Ribeiro de. OLIVEIRA, Marília Flores Seixas de. **Fases da fotografia e a questão da aura, segundo Walter Benjamin.** Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/viewFile/14227/14593>>. Acesso em 27 Junho 2017.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; KOLB-BERNARDES, Rosvita. **Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072015000100161&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em 22/10/2017

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação.** Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697/6351>>. Acesso em 16/10/2017.

SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA: a desbiografia oficial de Manoel de Barros. Direção e Roteiro de Pedro Cezar. Brasil, 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VG4P_mWWAI0>. Acesso em Abril de 2017.